

Time-specific em viralaterrâncias: endereçamentos para ciclistas aeroradiculares

Time-specific in viralaterrâncias: addresses for airroots cyclists

ANDRESSA REZENDE BOEL

Escola de Ensino Básico da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba-UFU), Uberlândia, M.G.,
Brasil

RESUMO

Esse texto se trata de um relato de experiência crítico, mediante a apresentação e registro dos modos de experiência de mundo e os modos de produção artística do grupo *ViraLatas*. A/os *ViraLatas* usam a bicicleta como principal mediador para produzir e vivenciar ações estéticas explorando formas-trajetos dentro da cidade e em suas bordas, durante ciclovagens. As ações poéticas produzidas por tal bando ciclista consistem em marcar lugares do trajeto com placas e registrar tais endereçamentos em um mapa virtual, nomeado *Momento Histórico Tombado*. Visando refletir sobre tal produção, proponho: a construção de uma metodologia nômade e errante a partir dos escritos de Paola Jacques e da observação de vida dos cachorros vira-latas; a discussão sobre o campo das experiências na paisagem por meio dos estudos de Yu-Fu Tuan e Jorge Bondía; a contextualização de tal produção à arte contemporânea mirando os estudos de Nicolas Bourriaud tendo em vista atuação da/o artista radicante e às produções que se alinham à forma-trajetos e à *time-specific art*.

PALAVRAS-CHAVE

Bicicleta, experiência, mapa, forma-trajetos, *time-specific art*.

ABSTRACT

This text is a critical account of experience, presenting and recording the ways of experiencing the world and the artistic production methods of the *ViraLatas* group. The *ViraLatas* use the bicycle as the main mediator to produce and experience aesthetic actions, exploring forms along the way within the city and on its edges, during bike rides. The poetic actions produced by this bicycle gang consist of marking places along the route with signs and registering these addresses on a virtual map, called *Momento Histórico Tombado*. In order to reflect on this production, I propose: the construction of a nomadic and wandering methodology based on the writings of Paola Jacques and the observation of the life of stray dogs; a discussion on the field of experiences in the landscape through the studies of Yu-Fu Tuan and Jorge Bondía; the contextualization of this production in contemporary art, looking at the studies of Nicolas Bourriaud in view of the work of the artist and the productions that are aligned with the form-trajectory and time-specific art.

KEYWORDS

Bicycle, experience, map, form-path, time-specific art.

A/O ciclista¹ está atenta/o ao barulho das peças, à bagagem trepidando ou ao silêncio, que podem ser indicadores da rugosidade ou lisura da estrada, o barulho de sua passagem se mistura com o ruído das aves ou do vento nas folhas das árvores. O vento oferece um mapeamento tátil de temperaturas no corpo, quando frio, seco e cortante, congela o nariz e as orelhas, quando leve brisa úmida, repenteia os cabelos e pelos como ondas, refresca o peito e braços avermelhados. Em clima abafado, a umidade reforça o calor e o sol nas costas e pernas já queimadas. O calor do asfalto turva, borra a visão e adormece os pés,

¹ Ciclista/o: Este é um sinônimo depreciativo para ciclista. É comum ouvir “sai da rua, ciclista!” em tom agressivo quando se está pedalando pela cidade. Apesar de originalmente ofensivo, o termo foi assumido dentre os ativistas da bicicleta que desejam ocupar e que ocupam as ruas dos grandes centros usando-a enquanto modal de transporte.

que, depois de horas apoiados na plataforma do pedal, já quase não se sente, adormece. A subida deixa o corpo ofegante, no topo observa-se de longe a paisagem, na descida o borrão distante vai aos poucos ganhando o foco da proximidade. Quando, o que antes era uma miragem, é alcançado, experienciamos² a paisagem olfativa, os cheiros das plantas, dos animais, do asfalto quente, da maresia; sentimos as paisagens táteis de texturas e temperaturas dos objetos que preenchem o que antes era uma miragem; ouvimos paisagens sonoras, ruídos; experimentamos o gosto das frutas e temperos, as paisagens para o paladar; conversando com as pessoas, passamos a conhecer contextos históricos, políticos, culturais dos lugares. Depois da pedalada, o prêmio é o alcance de uma chegada e a elaboração de novos desejos de partida.

Desde o campo dos desejos, os *ViraLatas*³, pedalam em trajetórias desviantes, motivados a vivenciar as especificidades de trajetos e travessias de paisagens por onde passam. *ViraLatas* é o nome do grupo que, inspirado nas matilhas caninas urbanas, produz *Momentos Históricos Tombados*, ação estética que consiste em marcar lugares e registrar endereçamentos durante passeios de bicicleta, dentro da cidade e em cicloviagens errantes. Sem número de integrantes fixos, o grupo pode ser formado por bicicleteira/os e pedalantes⁴ de maneira espontânea, de acordo com o planejamento de viagem.

2 Experienciação pode ser conjugada em experienciativo, experienciação, experienciar. Corresponde à junção das palavras experiência + ação: a primeira, no sentido de que a/o sujeito permite, ou se mantém disponível para, que algo aconteça a ela/e, e que tal experienciar a/o toque; a segunda, no sentido de que a/o sujeito apresenta-se não só aberto e disponível para passar por uma experienciar, mas ela/e aciona situações, vai até os lugares onde deseja se colocar para vivenciar a experiência. Pode ser entendido como o ato de acionar, ou a a ação de adentrar ao ambiente/lugar/contexto e experienciá-lo de maneira calma e atenta aos estímulos sensoriais que o lugar oferece. Seria possível também utilizar a palavra exploratório, no sentido de explorar possibilidades e cenários inéditos para tal corpo bicicleteiro. Então, tal imersão exploratória dá-se no sentido de adquirir familiaridade com o lugar, excluindo o sentido desbravador ou de abuso da natureza (em sentido amplo).

3 *ViraLatas*: Diz respeito à maneira de agir desses ciclistas, enquanto sujeito e enquanto grupo. O grupo se forma espontaneamente a partir do desejo de fuga da rotina, os *ViraLatas* juntam-se e se organizam para planejar e praticar ciclo viagens errantes, fazendo desse ato uma ação artística.

4 Nomeamos pedalante a/o sujeito que usa a bicicleta para além da atividade de mobilidade ativa, ativista ou esportiva. Ela/e idealiza modificações estéticas em sua própria bicicleta individualizando-a das demais e, além disso, usa-a para praticar atividades contemplativas, tais como deslocar-se para experienciar outros espaços.



Figura 1. Trajeto na orla entre o Farol Navegantes e o Molhe de Itajaí, SC. Fonte: arquivo pessoal.

A/Os *ViraLatas* encaixam as bicicletas entre suas pernas, hibridizam-se com tal meio de transporte, tensionam as correntes e giram adiante, embalam os pedais ansiando, por colocar seus corpos em experiências de ampla qualidade sensorial. A escolha da bicicleta se justifica na própria lentidão, necessária para que a/o pedalante mergulhe no tempo do trajeto, aprecie as transformações das paisagens sensoriais de diversas ordens.

Ação estética de ocupação viralaterrante

O comportamento dos cachorros vira-latas é inspirador para o bando cicleteiro. Em meio à fauna que prolifera nas cidades e em seus transbordamentos, os vira-latas são exemplares da heterogeneidade, da mistura de raças ou ausência de pedigree. Entretanto, apesar da ampla variação morfológica, a característica constante é o faro apurado.

Em busca de restos de comida, os vira-latas exploram cada lugar. Por instinto, erram, buscam ampliar seus âmbitos de vivência, desbravando e ocupando espaços. Seu modo de existência e pulsão pela vida faz instintivamente com que ajam por meio de táticas que perpassam entre o repouso, a mobilidade, o deslocamento e a ocupação. Em seus movimentos localizados, a ocupação territorial é praticada por doses de mijo, que tomam tal lugar por um período temporal, territorializando enquanto persistir sua bolha de cheiro.

Para manter seu território, os caninos praticam um tipo de “estar”, porém sem estar valendo-se de táticas de marcação e deslocamento. Adaptados às selvas urbanizadas, os cachorros vira-latas deixam rastros de mijo em postes, cantos de muros, encostas, lugares específicos por onde passam, visando demarcá-los com sua presença ausente, ou melhor, de passagem. Mesmo que não esteja presentificada fisicamente no agora, a ocupação territorial se faz olfativamente por um longo período, permanece por dias depois da passagem desses animais ou até que outro vira-lata sobreponha seus rastros, deixando outra camada de marcação olfativa sobreposta.

Tais táticas são parcialmente apropriadas pelos ciclistas *ViraLatas*: se para os caninos tal presença ausente acontece por meio da pregnância do cheiro de urina, para os *ViraLatas* ciclistas, essa marcação corresponde à colagem da placa de alumínio (Figuras 2 e 3) e a organização dos endereçamentos em um mapa (Figura 4), que será abordado mais adiante.



Figura 2. Placa de alumínio colada em porto de Ubatuba-SP. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 3. Entrada da trilha para a Praia Brava, Vila Trindade, Paraty-RJ. Fonte: arquivo pessoal.

Ao ampliar seu território espacial, demarcando lugares com urina ou placas, o deslocamento de ambas as matilhas de vira-latas nos revela uma variável bastante pertinente: a distância, que, conforme Tuan (2013), é uma variável que resulta da combinação entre um percurso do lugar x até o y . A distância pode ser medida com métricas espaciais, mas também pelo tempo empregado para se chegar de um ponto a outro. Além disso, a força para o deslocamento está carregada de intenção e planejamento, que “cria uma estrutura espaçotemporal de ‘aqui é agora’, ‘lá é então’” (Tuan, 2013, p. 159). São possibilidades de se criar projeções temporais entre o espaço futuro, a ser conquistado, dentro de um dado planejamento de deslocamento.



Figura 4. QR Code com *link* para acesso ao mapa virtual de Momento Histórico Tombado, que pode ser acessado pelo celular. Acesso: <https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1bYuRgrqIF9lXmqOGnNKEQJ-fF4xswT82&usp=sharing>

Tanto a distância quanto o movimento são variáveis híbridas, resultantes da contaminação entre as variáveis espaço (em sua amplitude) e tempo. Tuan (2013, p. 147) nos auxilia a entender que o movimento tem “o espaço como a esfera de liberdade da limitação

física, e o tempo como a duração na qual a tensão é seguida de calma (...). O movimento que nos dá o sentido do espaço é, em si mesmo, a solução da tensão”. Portanto, o espaço é ilimitado e a movimentação nele nos indica sua amplitude; o movimento em si pode ser cronometrado e, portanto, tem duração.

Em oposição ao movimento e a duração, estão o repouso e a lentidão. Simbolizam a calma oferecida pelo lugar, o descanso. O sujeito disponível ao tempo e em ação contemplativa no espaço amplia as possibilidades de experiência, atenta-se às particularidades das paisagens sensoriais em tempo presente, faz mapeamentos sonoro e olfativo, apreciação visual mais concentrada, dentre outras experiências que só podem ser potencializadas quando experimentadas com calma. “A pausa permite que uma localidade se torne o centro de reconhecido valor” (Tuan, 2013, p. 169).



Figura 5. Nascente do Rio Tietê no Parque Pinheirinho, Salesópolis, SP. Fonte: arquivo pessoal.

Quando o grupo ciclista decide viajar, o roteiro é escolhido por afinidade, e a rota, a partir de onde o bando deseja conhecer. Geralmente, é iniciada em cidades onde se possa levar as bicicletas em transporte público (ônibus, trem). A partir de projeções sobre movimento, distância, pausa e marcação territorial, o bando ciclista calcula e planeja a extensão diária a ser percorrida, vislumbra as distâncias entre as paradas para a colagem de placas ou para suprir as necessidades físicas de descanso e alimentação. Durante o descanso em cada lugar, afere-se os mapas nos celulares e informa-se sobre trajetos conversando com os moradores locais. Muitas vezes os deslocamentos são definidos depois dessas conversas, quando se informa sobre qual é a estrada mais arborizada ou menos frequentada por carros. Nessa dinâmica, são incluídos: pontos a serem visitados; rotas a serem percorridas ou evitadas; planejamentos de compensação de atrasos, tendo em vista a dificuldade dos relevos experienciados em escala 1:1 – visualizadas, tateadas, atravessadas e vivenciadas em dimensão natural, metro por metro.

Sobre o deslocamento canino e suas marcações com urina, não podemos aferir o quanto se dá por improviso ou planejamento. Quanto aos ciclistas/os, apesar de não possuírem patas tão ágeis, contam com a força poética e a pulsão para a fuga. *A/os ViraLatas* ciclista/os pedalam para desvios, praticam o ato de viralaterrar, ou giram em viralaterrâncias⁵. Tal prática estética presentifica-se na vivência sensorial do percurso, das formas-trajeto, compreendendo tal ação estética como uma vivência particular de uma situação e contexto. Em consonância com a definição proposta pela urbanista brasileira Paola Jacques, o ato de errar está para o

[...]desvio, afastamento ou como vagar, andar sem destino, perder-se no caminho cometer erro. O verbo errar também tem definições parecidas, que vão do cometer erro ao enganar-se, vagabundear, vagabundar, percorrer. A desorientação, ou o perder-se faz parte da própria definição da errância (...). Na errância não se anda de um ponto a outro, a errância está no próprio percurso, nos entres e erros dos caminhos (...). A errância é o entre, ou seja, é o próprio trajeto, o percurso, o itinerário. O errante é o itinerante o ambulante, aquele que erra e se perde” (Jacques, 2012, p. 273-274).

A fim de construir uma metodologia de ação estética vira-lata, de criação descentralizada, que valorize a experienciar lugares e organizar trajetos e endereçamentos de maneira não hierarquizada e não linear, busco os estudos sobre os errantes em Paola Jacques (2012) que, contaminada pelo modelo de ciência nômade e pela realidade das cidades brasileiras, traz-nos um modelo de estudo que se apresenta como uma prática do corpo desobediente, autônomo, atento e de atuação crítica:

[...]a preocupação do errante, esse praticante das cidades, estaria mais na desorientação, sobretudo para deixar de lado seus condicionamentos urbanos e, assim, se aproximar da alteridade urbana. Enquanto toda a

5 As Viralaterrâncias estão ligadas à prática de viralaterrar: associa a ação ViraLata com o ato de errar, são errâncias praticadas por ViraLatas.

educação do urbanismo está voltada para a questão do se orientar, os errantes buscavam se desorientar e, ao se perder, encontrar os vários outros das cidades (Jacques, 2012, p. 263).

Ter o corpo disponível para desorientar-se e aberto e vivenciar o ambiente contribui para acender reações do sujeito e, portanto, ativa seu protagonismo. O sujeito ativo contrapõe a cidade enquanto produto-imagem. “Para os errantes, a cidade deixa de ser uma simples mercadoria imagética quando ela é vivida, e essa experiência inscreve-se no seu corpo” (Jacques, 2012, p. 303). O sujeito, ao praticar percursos em forma-trajeto desviantes do traçado naturalizado pelas linhas/vias de transporte, gasta tempo observando lugares desconhecidos, o que é um tipo de operação que reedita/ressignifica a relação com o percurso cotidiano e contribui para a desespetacularização das paisagens turísticas e das já conhecidas.



Figura 6. Jose Ignacio, Maldonado, Uruguai. Fonte: arquivo pessoal.

Experienciar a paisagem

Ao refletir sobre a sensibilização, as manifestações de sentimentos, valores e atitudes do sujeito com relação ao ambiente e ao lugar, o geógrafo humanista Yu-Fu Tuan cria o neologismo *Topofilia*, que inclui toda a amplitude de respostas afetivas dos seres humanos a partir da interação estética ou vivência em paisagens. Entende-se paisagem em seu vasto sentido, natural e urbanizada.

A *topofilia* está em aferir fenomenologicamente a maneira como o sujeito tem sua subjetividade afetada pelo meio e de que modo ele responde aos seus estímulos, criando ou nutrindo um arcabouço de afetos pelo lugar. Corresponde à forma como o sujeito é

particularmente sensibilizado e interpreta o ambiente, mensura seus sentimentos e os transforma em memórias. A *topofilia* interessa-me por instrumentalizar o experienciador para refletir sobre as afetações e colocá-lo pronto para analisar sua própria experiência com relação ao lugar e/ou contexto. De acordo com o grau de intimidade física e das trocas entre o corpo do sujeito e os lugares/contextos, podem ser geradas marcas em ambos, e, conseqüentemente, os dois saem modificados desse encontro. O pedagogo Jorge Bondía (2002), define a experiência como:

[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Bondía, 2002, p. 24).

A experiência, em si, carrega uma carga de passividade, pois é necessário que o sujeito suporte ou passe por determinada situação. “Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (Tuan, 2013, p. 18). É necessário colocar-se em risco, pois, a cada experiência, internalizamos algo do espaço que faz prolongá-lo em nós, transformamos. Pedalar é uma tática para desacelerar a velocidade da rotina automatizada, reitero que o sujeito deve reservar tempo, atentar-se aos sentidos e dedicar-se com atenção profunda e contemplativa, a fim de apreciar do ambiente. As afetações sensoriais são possíveis quando se cultiva o corpo em alerta, reaprendendo a lidar com a pausa e o silêncio, necessários para ler, ouvir, degustar, apreciar tais paisagens. Assim, a mente interpreta o estímulo e organiza-se para entender como essas sensações atravessam o corpo, e, então, ele é verdadeiramente afetado.

O longo alcance da visão, por exemplo, “pressupõe uma importante reordenação do tempo e do espaço” (Tuan, 2013, p.152). A sucessão e distância de objetos dão-se pelo entendimento da perspectiva, pela organização mental da imagem do horizonte por meio do achatamento dos planos. Os espaços urbanos estriados não oferecem visão ampla, em oposição aos espaços lisos e abertos, onde é necessário interpretar os objetos e os planos em perspectiva.

Os indicadores auditivos “dão um sentido de distância, mas os sons expressam um mundo menor do que aquele que os olhos podem potencialmente ver” (Tuan, 2013, p. 152). A audição pode funcionar melhor para velocidades mais lentas e espaços menores ou menos distantes. O tato, o gosto e o cheiro são mais bem apreciados em um lugar ainda mais adensado, pois as texturas, os sabores e os cheiros requerem maior imersão no ambiente.



Figura 7. Ponte Hercílio Luz, entrada para a Ilha de Florianópolis, SC. Fonte: arquivo pessoal.

Em escala 1:1, original da materialidade do mundo, o deslocamento com a energia do próprio corpo permite aferir outra gama de indicadores, tais como a respiração ofegante, o suor molhando e refrescando a pele, a resistência muscular que percebe os recortes do relevo, as subidas, as decidas, o pensamento que vem duvidar se o corpo é capaz ou não de atingir a distância que os olhos estão mirando. Pisar no chão oferece características de umidade do solo e rugosidade do relevo, o que poderá ou não dificultar o andar ou girar dos pneus. O tato nos proporciona características micro do relevo, enquanto a visão em perspectiva nos dá características macro. Minutos com o olhar firme em alguns pontos específicos da paisagem nos levam a perceber detalhes, acalmam a instabilidade dos olhos, desfazem os borrões e derretimentos que a velocidade pode ter provocado.

Livre do recorte do para-brisa do motorizado, é possível aprofundar-se nas perspectivas, nas linhas dos pontos de fuga, perceber a temperatura, a umidade sob a pele, entrar dentro de bolhas de cheiros característicos de pontos específicos dos lugares. Respirar pode dar noções das condições climáticas durante o deslocamento, o ar pode estar gelado, seco, com poeira, com fumaça ou pode estar agradavelmente úmido e cheirando a plantas e animais. A brisa leve proporciona conforto, o contravento propõe um desafio extra durante o giro dos pedais, que ficam mais pesados. O deslocamento lento e com paradas proporciona vivenciar o contexto, experimentar os prazeres do paladar, alimentação e reposição das

energias com a culinária local. Dedicar tempo em algum lugar e conhecer seus frequentadores permitem ler/escutar sobre as relações de poder, políticas, sociais e econômicas do contexto (Figuras 5, 6 e 7).

Para registrar as viralaterrâncias e endereçamentos das placas foi criado o mapa virtual, *Momento Histórico Tombado*, que reúne todos os pontos geoespaciais dos lugares físicos, o que possibilita a visualização em escala variável. A partir de tal mapa, pode-se projetar rotas para acessar os pontos marcados. Os endereçamentos apontados no mapa se abrem como um convite à/ao interlocutor/a a experienciar os trajetos *ViraLatas*, experimentar desvios, a se deslocar de maneira lenta, em escala 1:1.

Momento Histórico Tombado

O viralaterrar, com foco em desvendar brechas invisíveis nas cidades e nos contextos urbanizados no campo, coloca o corpo à prova de experiências íntimas e particularizadas descoladas do tempo cronológico. Íterim não cronometrado, no qual o tempo se expande, fica elástico e transborda o espaço neste instante monumental, deseja dedicar mais atentamente às particularidades das experiências que o lugar oferece, experienciando o momento cheio e expandido a ser pinçado da linha temporal e guardado na memória afetiva narrativa. Para Tuan (2013, p. 174-175), a esse respeito, “acontecimentos simples podem transformar-se em um sentimento profundo pelo lugar”.

Para tanto, as/os *ViraLatas* refletem sobre a estética em percurso, as formas-trajeto que se dissolvem no período em que se pratica o pedal. A/Os cicleteiras/os optam por – e dedicam-se a – apropriar-se de espaços opacos ou pouco visitados e por reinventá-los durante sua passagem de maneira criativa, celebrando a paisagem, a mobilidade ciclística e a vida sobrevivente na disputa pelos espaços urbanizados. Nesse sentido é que o grupo, com táticas de marcação semelhante aos vira-latas caninos, decide marcar alguns dos lugares por onde passa com placas, criando pontos de “presença ausente” colando placas de alumínio e colhendo tais localizações geográficas.

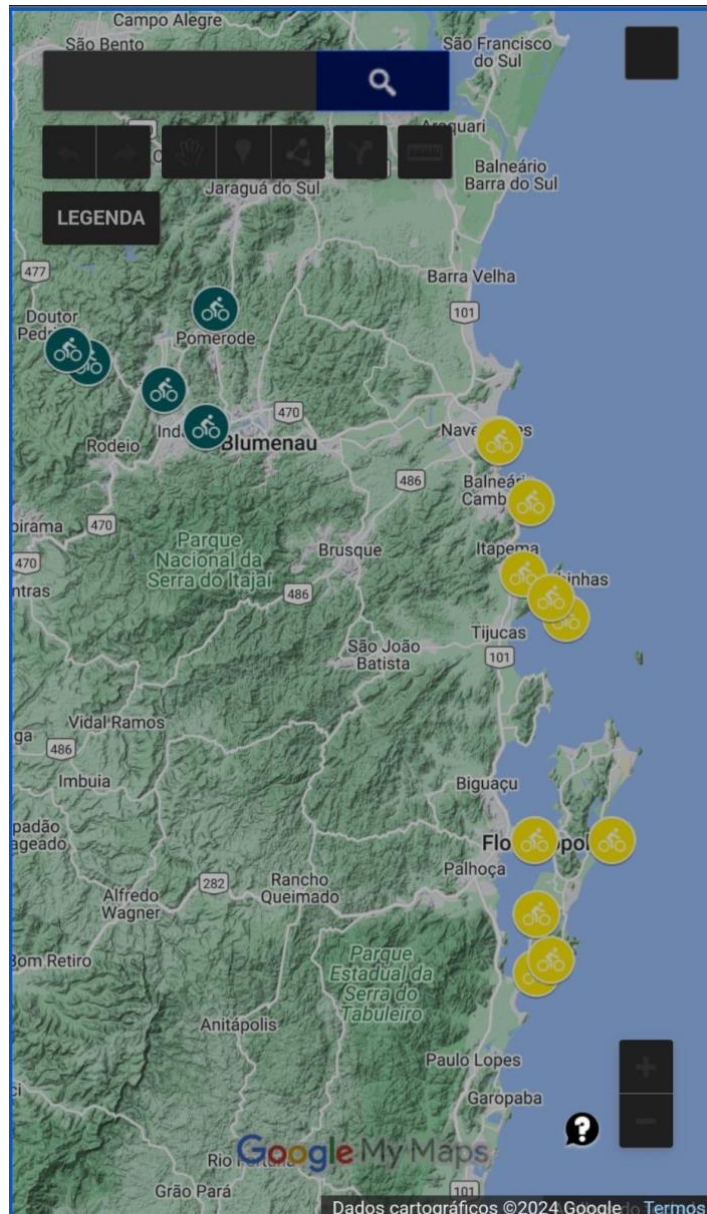


Figura 8: mapa com pontos geográficos marcados na região sul do Brasil. Fonte: GoogleMaps.

Características naturais e simbólicas são decisivas para a marcação de lugares com placas, além disso, considera-se também a visualidade desses pontos em sequência no desenho do mapa (Figuras 8 e 9). Alguns desses pontos marcados são: pontes, balsas, portos, escolhidas por se tratarem de lugares que conectam outros lugares; ilhas, por oferecerem a possibilidade de ter suas bordas percorridas; extremidades continentais ou lugares de difícil acesso por meios de transporte motorizados, mas acessíveis por bicicleta; lugares de memória afetiva vividos com a bici⁶ ou paisagens que se revelam com algum tipo de sensorialidade contemplativa apelativa para o grupo pedalante, por exemplo, onde se pode experienciar um mergulho na água refrescante após vencer subidas muito íngremes, paisagens e/ou eventos naturais específicos.

6 Bici é a contração da palavra bicicleta.

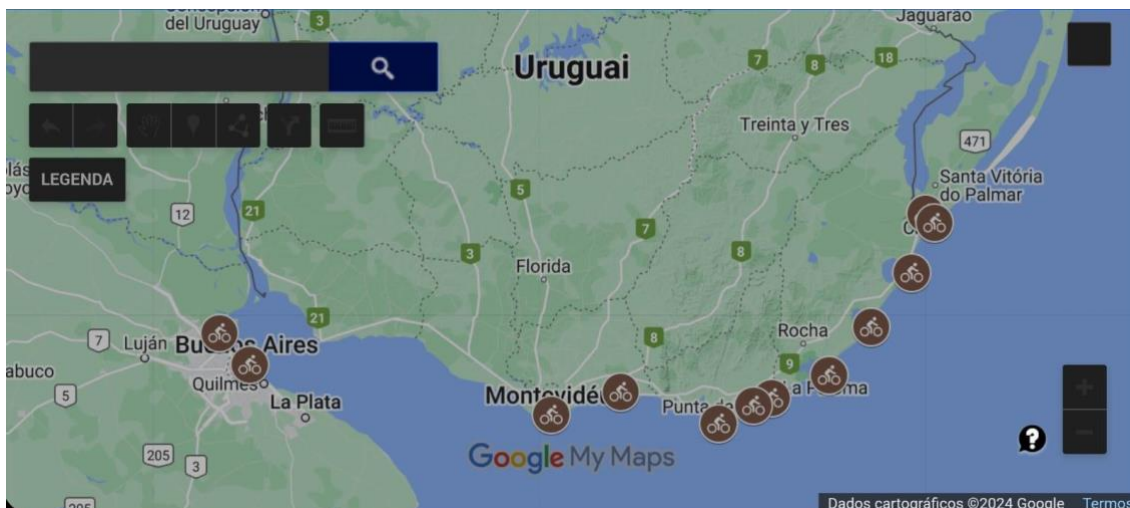


Figura 9: mapa com pontos geográficos marcados da divisa do Brasil, passando pela costa do Uruguai e pela Argentina. Fonte: GoogleMaps.

Em *Momento Histórico Tombado*, *Momento* indica o fragmento temporal volátil vivenciado pelo sujeito no aqui e agora, portanto concentrado dentro das balizas espaço-sensoriais e intervalares de tempo presente. Os momentos são pinçados dentro de um período temporal, resgatam a volatilidade da presença do corpo do sujeito comum, imerso na paisagem durante sua trajetória. *Momento* é também um trocadilho de oposição temporal, que se contrapõe com a categoria tradicional de esculturas monumentais que, produzidas em metais como bronze, ocupam espaços de destaque e perduram dezenas de anos.

É *Histórico* por criar experiências que se inscrevem dentro do repertório de vivência de mundo do sujeito, elabora-se a memória do grupo, ou registros, a partir do experienciado. A/Os *ViraLatas* incentivam a presença e a sensibilização do “eu”, do corpo ativo, protagonista e autônomo na elaboração de sua própria história, pois a experiência vivenciada é a mais potente que o sujeito pode ter.

Registrado na memória, o instante é *Tombado*, marcado pelo sujeito por seu valor de experiência, de vivência ímpar. O tombamento que sugiro aqui é diferente do sentido usual, de reconhecimento de valor histórico, artístico e cultural de algum lugar ou objeto. Refere-se a uma atividade hedonística do sujeito e do grupo que tomba, de uma ação praticada pelos vivenciadores autores e que tem significado para sua emancipação estética e de vida.

Lugares em tempos de produção

O crítico de arte e curador Nicolas Bourriaud (2011) atualiza conceitualmente a prática artística contemporânea qualificando o artista atual como “radicante”. Ele relata que, em suas produções, o sujeito artista fica “dividido entre a necessidade de um vínculo com seu ambiente e as forças do desenraizamento, entre a globalização e a singularidade, entre a identidade e o aprendizado do Outro” (Bourriaud, 2011, p. 50). Desse modo, o sujeito radicante

é composto por uma infinidade de negociações, para as quais adota posturas dinâmicas e dialógicas.

Entendo que a movimentação da/o artista contemporânea/o acontece em busca de oportunidades, em razão de desejos de produção de trabalhos ou de forças maiores que a/o obrigam a se realocar no mundo. A viabilidade da produção acontece muitas vezes por contratação de editais, desenvolvimento de pesquisa em instituições de ensino ou mesmo pela força de fuga da/o artista (da arte para a vida e da vida para a arte), contaminando seu trabalho profissional com a realização pessoal. A/O artista radicante pode, então, criar raízes temporárias em um lugar admitindo viver a situação que o contexto lhe oferece, o que a/o faz abandonar sua vida comum ao abdicar-se da noção de propriedade ou pertencimento de lugares ou objetos, pelo menos, temporariamente.

A/O artista cria circuitos nômades, experienciativos e temporários em diferentes lugares: enraíza-se por um período, constrói relações com as pessoas, desenvolve junto a elas um projeto. Ao interferir diretamente no mundo real, infiltra-se em estruturas e organizações sociais já existentes e, então, edita/aluga/negocia (com) as que serão acolhidas no trabalho artístico em partilha. Nesse sentido, os trabalhos acontecem de maneira negociada por muitas identidades e por muitas mãos, e, portanto, seu processo e sua estética são abertos às interferências de colaboradores.

Em direção a extrapolar tal perspectiva de desprendimento, pois, aqui refletimos acerca da experiência por meio de viralaterrâncias e vivência de *Momentos Históricos Tombados*, a partir da referência imagética instigada por Bourriaud com relação ao sujeito radicante, imagino que a/os *ViraLatas* possuem raízes que não necessariamente se fixam, mas são aéreas/adventícias, e que o simples contato com o ar pode alimentá-las, hidratá-las/lubrificá-las e que, por onde elas passam, deixam sementes.

Considerando a intensa mobilidade, imagino que a/o artista que produz durante um fragmento temporal de viagem, em deslocamento errático e em trajeto no espaço, poderia receber outro nome, algo que contemple sua característica movediça⁷. Proponho a denominação aeroradicular⁸, imaginando que, para ela/e, o ponto central da produção é o deslocamento e que, portanto, são produzidos trabalhos que têm o trajeto como forma. Tal produção pode acontecer de maneira hibridizada, quando corpo e meio de transporte são unidos, o que potencializa o deslocamento, de acordo com a motivação/força estética.

No caso dos viralaterrantes, quanto ao encaixe de hibridação, entre a bicicleta e a/o cicleteira/o, ainda duvido se a bicicleta transporta a/o sujeito e seus pertences ou se ela/e a

7 Refere-se ao que se move, que é escorregadio, deslizante e/ou tem capacidades de mesclar com outros objetos adquirindo novas habilidades.

8 Aeroradicular é uma característica da/o sujeito que não fixa raízes em nenhum lugar, ela/e está sempre de passagem, em deslocamento nômade e/ou errático. Ela/e pode se hibridizar em algum meio de mobilidade. Nesse estudo, especificamente, trabalhamos com a hibridização na bicicleta.

transporta ao impulsionar a bici com as pernas. Outra questão é se a bicicleta é um objeto que transporta a/os sujeitos movediços para lugares específicos ou se ela é seu próprio lugar específico movediço e pessoal, proporcionando ao pedalante relativa calma e conforto.

Marc Augé discordaria de que a bici é um lugar, pois, ao refletir sobre a mobilidade urbana, escreve-nos que “a bicicleta é, em si mesma, um objeto pequeno e incorporado, e não um espaço habitado, como é o do automóvel” (Augé, 2015, p. 3). Entretanto, relativizo essa afirmação considerando o uso da bici para longos trajetos. De acordo com Tuan (2013, p. 169), o lugar oferece a calma, soluciona as tensões, repõe as necessidades fisiológicas. Nesse sentido, em viagem, a bicicleta carrega os pertences que contribuem para sanar a fome e a sede e, mais importante, repõe a carência de tempo contemplativo que a rotina impõe, em outras palavras, ela é onde se deseja estar durante todo o trajeto. Quando a bicicleta pára, desmonta-se a carga e, monta-se a barraca ou rede, para pouso temporário. Então, se ela não é o próprio lugar movediço, carrega consigo uma complementação locacional como bagagem, que oferecerá descanso quando montado o acampamento.

Bourriaud defende que os trabalhos que se desenvolvem tendo como matéria o deslocamento, ou a forma-trajeto, funcionam “como um encadeamento de elementos articulados entre si – e não mais na ordem de uma geometria estática que assegure sua unidade” (Bourriaud, 2011, p. 118). Para trabalhos artísticos que remetem a deslocamentos no espaço, o tempo é a variável de destaque. Bourriaud, tendo como referência ao já instituído *site-specific*, refere-se a trabalhos que envolvem errâncias, trajetos ou expedições, durações como uma nova linguagem: *Time-specific*⁹. Como ferramenta conceitual para refletir sobre as formulações temporais na arte, o autor se vale do estudo da topologia, um conceito do ramo da matemática que

[...] se dedica menos à quantidade do que à qualidade dos espaços, ao protocolo de sua passagem de um estado para outro. Ela remete, assim, ao movimento, ao dinamismo das formas, ao mesmo tempo que designa a realidade como um conglomerado de superfícies e objetos transitórios, potencialmente deslocáveis (Bourriaud, 2011, p. 78).

Além das dimensões espaciais altura, largura e profundidade, entende-se o tempo como a quarta dimensão, que, inevitavelmente, atravessa a matéria regimentada pela tríade espacial. As paisagens, nossos corpos, os objetos e todo tipo de materialidade é atravessada pela dimensão do tempo, passa por estados transformativos, desgaste, acumulação ou mudança morfológica. Se por um lado é possível aferir o caráter monumental e implacável da passagem do tempo, por outro, podemos apreciar sua elasticidade relativa vivenciada no

9 Vale lembrar que Hélio Oiticica, Lygia Pape, Cildo Meireles, dentre outros, já trabalhavam práticas temporalizadas (com duração) e relacionais, sendo precursores no circuito brasileiro entre as décadas de 50 e 70 e produzindo trabalhos que tematizavam ciclos e imantações dentro de seus contextos políticos e sociais, cada um por suas perspectivas pessoal e prática, anteriores às discussões teóricas que levaram Bourriaud a escrever *Estética Relacional* (2009) e *Radicante* (2011).

presente, em recorte específico de duração. Quando estamos dentro de uma paisagem ou de um lugar, a percepção de modelagem dos espaços e das situações se dão pela valoração subjetiva de experiência sensorial individual. Para um sujeito desviante curioso, a imersão propõe a leitura do espaço físico e das relações pessoais que se dão nos contextos durante aquele recorte temporal. Quanto mais atenção aos sentidos, paciência e disponibilidade de dedicação temporal tem a/o observador/a imersa/o, mais qualitativo será o arcabouço de leitura física e contextual do lugar ou objeto. Sendo assim, o tempo específico é elástico, vivenciado de maneira adensada, o que, como consequência, exige também dos sujeitos o adensamento de seus sentidos, em outras palavras, maior envolvimento com o estado contemplativo da vivência.

Defendo aqui que a forma-trajeto se apresenta tanto nas viralaterrâncias vividas em recorte temporal específico quanto em sua representação acumulada no mapa. Nesse sentido, percebo duas situações contemplativas relativas ao tempo: a primeira é adensada e elástica, de situação presente, que acontece durante o momento em que o trajeto é percorrido na ação de viralaterrar, na experiência das paisagens físicas, dos contextos, nas paradas para descanso e celebração da ciclovagem; a segunda refere-se à representação cartográfica de *Momento Histórico Tombado*, onde as várias camadas temporais vivenciadas nas viralaterrâncias estão acumuladas e representadas cartograficamente.

A primeira situação corresponde a um tempo específico de vivência presentificada na qual o lugar experienciado é/está/fica marcado pela placa *ViraLata*. Os endereçamentos, uma vez ativados no lugar, são imantados a cada vez que recebem uma nova visita. A segunda situação temporal, acumula as diversas camadas de duração vivenciadas pela primeira. O mapa interativo *Momento Histórico Tombado* organiza, registra e sobrepõe as camadas de narrativas sobre os trajetos acumulados pelos sujeitos pedalantes aeroradiculares. Por meio de escritos, imagens e sons o mapa almeja reter informações sobre as transformações morfológicas/espaciais sobre o lugar e seu contexto.

Considerações Finais

Para que os Momentos Históricos sejam Tombados, a ação estética se vale de uma soma de etapas de valores equivalentes: 1. a ação estética coletivizada viralaterrante de deslocamento concentrada na experiência sensorial do espaço em escala humanizada; 2.

a colagem de placas em lugares e tempos específicos vivenciados durante a pedalada; 3. transposição e identificação do local geográfico marcado fisicamente (com a placa) durante a viagem para o mapa virtual. Dessa maneira, o mapa concentra diversos tempos específicos de viagens para distintos lugares, bem como revisitações a antigas marcações.

Os lugares físicos, podem ser encontrados espontaneamente ou acessados pelos vivenciadores/colaboradores por meio das coordenadas geográficas armazenadas pelo mapa virtual, tendo seus trajetos experienciados. O mapa pode ser acessado de maneira virtual (via link/QR Code) ou por pequenas tiragens de impressos de mapas, em caso de exposições.

Algumas das marcações foram e ainda podem ser coladas e acrescentadas por colaboradores pedalantes espontâneos, basta contactar o grupo Vira-Latas10 para receber uma placa.

Referências

AUGÉ, Marc. Efeito pedalada. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 7, p. 2-7, jan. 2015.

BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. n.19, pp.20-28, 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 04 de outubro de 2023.

BOURRIAUD, Nicolas **Radicante**: por uma estética da globalização, São Paulo-SP: Martins Fontes, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina-PR: Eduel, 2012.

Sobre a autora

Andressa Rezende Boel é professora de Artes na Escola de Ensino Básico da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba-UFU). Doutora em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisa e produz trabalhos no campo ampliado da escultura, processos artísticos colaborativos, partilhados e gambiarras sadias em *site/time-specific*. Integra o Grupo de Pesquisa Poéticas da Imagem (GPPI-UFU), o Grupo de Estudos Sobre Arte Pública (GEAP-SP-BR), ambos certificados pelo CNPq, além de grupos ativistas pelo uso da bicicleta como meio de mobilidade, tais como Catraca Negra (MG), Ovelhas Negras (BR), TPM (SP), Voloroça (SP).

andressa.boel@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1150769281524957>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9851-2108>

¹⁰ andressa.boel@gmail.com

Recebido em: 24-07-2024 / Aprovado em: 10-10-2024

Como citar

BOEL, Andressa. Time-specific em viralaterrâncias: endereçamentos para cicleteiros aeroradiculares. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 5 n. 2, *n.p.*. jul. – dez. 2024. <https://doi.org/10.14393/EdA-v5-n2-2024-74548>. **[versão ahead of print]**.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.